

DOS DOIS LADOS DO PRAZER

Luiz Domingues é um profissional da restauração, mas acabou seduzido por um certo veleirinho

Dono de uma oficina náutica na região da represa de Guarapiranga, em São Paulo, Luiz Domingues Filho é um dos mais conceituados restauradores de barcos no Brasil e luta para manter vivo o seu ofício, que aprendeu com o pai, que por sua vez foi discípulo do legendário mestre da arte náutica italiana Flório Zotarelli. “Nasci praticamente dentro de uma oficina de barcos e trabalho com eles desde os 12 anos”, conta, orgulhoso. Do alto de seus 45 anos de profissão, ele nunca se nega à tarefa de atender a um serviço especial, mesmo que seja uma raridade de restauro complicado, como uma Chris-Craft 1938, igual a que fez recentemente. Isso não impede, porém, de passar para o outro lado do balcão. Certa vez, passeando pela represa, viu um veleiro de madeira encostado em um canto e estancou, interessado. Ao notar o brilho nos olhos de Luiz pelo veleiro, um senhor que tomava conta dos barcos perguntou se ele o conhecia. “É claro que sim. Fui eu que o fiz!”, respondeu.

Naquele dia, Luiz lembrou-se da ajuda que deu ao pai para construir, sob encomenda, cinco veleiros para regatas na represa. E lá estava um deles, agora clamando por socorro. “Acabei comprando o barco e o deixei novo, de novo”, resume. De certa forma, Luiz construiu o mesmo barco duas vezes. O veleiro, de 23 pés, hoje está exposto em sua oficina. Na hora do (re)batismo, ele optou por um nome emblemático. “Virou *Barlavento*, porque é um nome que tem a ver com o vento, que também é algo que vai e volta na vida da gente”, filosofa.

FEITO

POR MIM

Domingues e o veleiro de madeira que ajudou a construir, 45 anos atrás: “Acabei comprando o barco e o deixei novo, de novo”



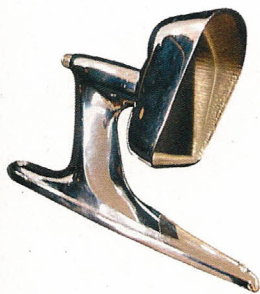


Outro detalhe importante é fotografar todas as etapas do trabalho, do antes ao depois, porque rever cada etapa da conquista terá um gostinho todo espe-

cial quando ele estiver pronto.

O próximo passo é realizar uma pesquisa, levantando tudo sobre o barco: documentos, ex-donos, projetos originais, peças, manuais, fotos etc. Difícil? Nada disso. É a parte mais fascinante, garantem os restauradores. Nessa busca, é comum encontrar amigos, profissionais, lojas e pessoas com os mesmos interesses. E tudo isso enriquecerá a história que o “novo barco” irá contar depois. Serão horas e mais horas na internet, nos fóruns de discussão, no telefone e nos papos nas marinas e oficinas. Será, por exemplo, relativamente fácil encontrar fotos do mesmo modelo original para usar como referência na restauração. Mas, difícil encontrar peças para motores de antigamente. “É o sabor do desafio de quem tem a restauração como hobby”, acredita Carli, que chegou ao ponto de entrar em contato com a Chrysler americana só para encontrar o manual de um motor de décadas atrás.

A determinação é outro pré-requisito do bom restaurador. “Não vale desanimar nem desistir, porque é difícil mesmo”, adverte Luiz Domingues Filho, um conceituado restaurador profissional que, por ironia do destino, acabou restaurando um barco que ele mesmo ajudou a construir, quando tinha 12 anos. Para não perder o entusiasmo, uma boa solução é envolver amigos e familiares no processo. Além de criar uma energia a favor, eles irão entender melhor aqueles incontáveis fins de semana enfiado numa oficina da marina, em vez de sair para navegar com um barco pronto.



A parte mais gostosa é a da pesquisa do modelo original.

“O restaurador deve ser, acima de tudo, curioso”, diz um deles



10 MANDAMENTOS de um bom restaurador

1º Não tenha pressa
Se construir um barco moderno demora, imagine encontrar peças de 50 anos atrás?

2º Gaste o mínimo possível na compra
Porque a verdadeira despesa virá depois, na hora de restaurá-lo.

3º Pesquise muito
Vá atrás do projeto original e da história do modelo. Converse com colecionadores e antigos donos.

4º Esteja pronto para viajar
Infelizmente, a maioria das peças de reposição, você não encontrará no Brasil.

5º Não altere nada na aparência do barco
Se possível, nem dentro dele. Exceto alguns itens de segurança.

6º Mandar cromar as ferragens
Antigamente, a maioria delas era apenas galvanizada. É uma das poucas alterações toleradas.

7º Aprenda a fazer você mesmo
Mesmo que contrate um restaurador, meta a mão na massa. É o verdadeiro prazer.

8º Não fique falando só nisso
Tudo bem que restaurar dá prazer, mas tente variar de assunto, para não aborrecer os outros.

9º Fotografe antes, durante e depois
Além de servir para enaltecer o trabalho, servirá de referência para novos restauradores.

10º Restaurar não é reformar
Reformar é trocar por peças novas. Já restaurar é deixar o barco tal qual saiu da fábrica, anos atrás.